



ARTIGO ORIGINAL

PERFIL DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES ATENDIDAS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA

VIOLENCE PROFILE AGAINST WOMEN ASSISTED IN A REFERENCE CENTER

PERFIL DE LA VIOLENCIA CONTRA MUJERES ATENDIDAS EN UN CENTRO DE REFERENCIA

Jessika Lopes Figueiredo Pereira¹, Cecília Danielle Bezerra Oliveira², Fabiana Ferraz Queiroga Freitas³, Anúbes Pereira de Castro⁴, Mércia de França Nóbrega⁵, Inácia Sátiro Xavier de França⁶

RESUMO

Objetivo: descrever o perfil da violência praticada contra mulheres. **Método:** estudo documental, exploratório e retrospectivo, com abordagem quantitativa, realizado em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) localizado no município de Cajazeiras/PB, composto por uma equipe multiprofissional cujas ações desenvolvidas baseiam-se no acolhimento, na promoção de cursos de aperfeiçoamento profissional, campanhas, disseminação de informações e práticas que elevem seu bem-estar e autoestima. Utilizou-se um formulário para preenchimento dos dados encontrados nas 157 fichas de acolhimento, os quais foram analisados a partir da literatura. O projeto de pesquisa teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE nº 32529214.8.0000.5180. **Resultados:** o perfil delineia mulheres em idade reprodutiva, com ensino fundamental incompleto, brancas, casadas, domésticas e com filhos. Sendo o companheiro, o agressor mais relatado, utilizando, sobretudo, da violência psicológica, seguida da física e moral. **Conclusão:** é possível ampliar o conhecimento, principalmente dos profissionais envolvidos no atendimento para que se tornem capacitados a reconhecerem tal agravo. **Descritores:** Violência Contra a Mulher; Saúde da Mulher; Mulheres Maltratadas.

ABSTRACT

Objective: to describe the profile of violence against women. **Method:** documental, exploratory and retrospective study with a quantitative approach, performed in an Assistance to Women Reference Center (CRAM) in the municipality of Cajazeiras/PB, composed of a multidisciplinary team whose actions taken based on the reception, promotion of professional development courses, campaigns, information dissemination and practices that increase their well-being and self-esteem. A form was used to fill in the data found in the 157 records, which were analyzed from the literature. The research project was approved by the Research Ethics Committee, CAAE 32529214.8.0000.5180. **Results:** the profile outlines women of reproductive age, with incomplete primary education, white, married, housewives and children. The partner was reported as the main aggressor, using primarily psychological violence, followed by physical and moral violence. **Conclusion:** it is possible to increase knowledge, especially of professionals involved in care so that they become able to recognize such grievance. **Descriptors:** Violence Against Women; Women's Health; Battered Women.

RESUMEN

Objetivo: describir el perfil de la violencia practicada contra mujeres. **Método:** estudio documental, exploratorio y retrospectivo, con enfoque cuantitativo, realizado en un Centro de Referencia de Atención a la Mujer (CRAM) localizado en el municipio de Cajazeiras/PB, compuesto por un equipo multi-profesional cuyas acciones desarrolladas se basan en el acogimiento, en la promoción de cursos de perfeccionamiento profesional, campañas, diseminación de informaciones y prácticas que eleven su bien-estar y autoestima. Se utilizó un formulario para completar los datos encontrados en las 157 fichas de acogimiento, los cuales fueron analizados a partir de la literatura. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, CAAE nº 32529214.8.0000.5180. **Resultados:** el perfil delineia mujeres en edad reproductiva, con enseñanza primaria incompleta, blancas, casadas, domésticas y con hijos. El compañero, es el agresor más relatado, utilizando, sobretudo, la violencia psicológica, seguida de la física y moral. **Conclusión:** es posible ampliar el conocimiento, principalmente de los profesionales envueltos en el cuidado para que se tornen capacitados a reconocer tal agravo. **Descritores:** Violencia Contra la Mujer; Salud de la Mujer; Mujeres Maltratadas.

¹Enfermeira, Egressa, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Sousa (PB), Brasil. E-mail: jessikaalopes@hotmail.com; ²Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras/ETSC/UFCG. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: cecilia.dbo@gmail.com; ³Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: fabianafqf@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Campina Grande (PB), Brasil. E-mail: anubes@bol.com.br; ⁵Enfermeira, Professora Mestre em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: mercialafi@hotmail.com; ⁶Enfermeira, Professora Doutora, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual da Paraíba/PPGENF/UEPB. Campina Grande (PB), Brasil. E-mail: inacia@uepb.edu.br

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno que se faz presente ao longo da história da humanidade e ocorre de acordo com os contextos sociais, econômicos e culturais presentes na sociedade. Apesar disso, só teve visibilidade como um problema de fato, recentemente, com o surgimento dos movimentos feministas e o reconhecimento dos direitos das mulheres na década de 1960.¹ Ressalta-se que, esse abuso acomete suas vítimas independente de raça, idade, classe social, cultura ou nível de instrução.²

Esse tipo de violência apresenta-se de diferentes formas como: psicológica, física, ética, patrimonial, sexual, tráfico de mulheres, assédio sexual, entre outras.³ Várias são as consequências dessa brutalidade que repercutem em agravos de ordem biológica, mental, espiritual e social, acarretando na dificuldade de viver e de adquirir novas experiências de vida.⁴

Diante do crescente número de mulheres expostas a esse mal, foram surgindo movimentos e reivindicações que buscaram a erradicação desse abuso. Sendo assim, com a evolução desse cenário, desenvolveram-se políticas públicas e serviços especializados para atender às mulheres vitimadas e dar um maior enfoque e visibilidade ao problema, possuindo como uns dos principais objetivos a oferta de apoio e resolução da situação. Dentre esses serviços estão, as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs), Casas Abrigo e Centros de Referências Multiprofissionais.⁵

Neste mesmo íterim, surgiu com o intuito de oferecer proteção e respaldo legal, em 7 de agosto de 2006, a Lei 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que se baseia na criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.⁶ Contudo, para que as mulheres possam se sentir realmente seguras e livres de seus agressores, a intervenção estatal precisa acontecer colocando em prática a efetivação das leis, além de garantir que as políticas públicas de atendimento sejam desenvolvidas.⁷

Como novos casos surgem cotidianamente e de forma persistente, percebe-se que cada vez mais precisam ser desenvolvidos estudos sobre o tema para que seja possível o entendimento de como esse cenário interfere no processo de viver, adoecer e morrer das mulheres vitimadas.⁴

O enfermeiro como coparticipante desse processo representa um profissional de grande importância na assistência à mulher, podendo

realizar intervenções indispensáveis para melhorar suas condições, além de que o contato e atendimento prestado a elas possibilita o conhecimento de como determinada circunstância pode sinalizar um caso de violência e, a partir de então, ter a confiança de agir de forma a tentar melhorar a situação da vítima.⁸

Aos poucos a violência contra a mulher recebe a devida importância que necessita, a partir da caracterização do perfil das vitimadas, possibilitando uma intervenção ativa e efetiva na minimização e erradicação desse agravo. Mas, para que as ações sejam eficientes, é necessário fornecer aos profissionais dos serviços de atendimento, meios que poderão melhorar o acolhimento às vítimas e possibilitar o desenvolvimento de ações de combate, tornando-se ainda mais específicas e voltadas às necessidades das mulheres. Assim, diante de toda a problemática exposta, este estudo tem como objetivo:

Descrever o perfil da violência praticada contra as mulheres.

MÉTODO

Estudo documental, exploratório e retrospectivo, com abordagem quantitativa, realizado em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) localizado no município de Cajazeiras, Paraíba. Este local é composto por uma equipe multiprofissional cujas ações desenvolvidas baseiam-se no acolhimento, na promoção de cursos de aperfeiçoamento profissional, campanhas, disseminação de informações e práticas que elevem seu bem-estar e autoestima.

Para realização do estudo, a população foi constituída por todas as mulheres vítimas de violência atendidas no CRAM no período entre 2010 a 2013, e que tivessem registros nas fichas do serviço. Deste modo, na pesquisa desenvolvida, foram utilizadas 157 fichas de acolhimento referentes à violência contra a mulher.

Para a obtenção dos dados, foi utilizado um instrumento do tipo formulário previamente construído para o preenchimento dos registros encontrados. O material da pesquisa foi organizado e tabulado pelo Programa Microsoft Office Excel 2010, com base num enfoque do método quantitativo, utilizando a estatística descritiva, fazendo uso de tabelas, sendo os dados resultantes das variáveis quantitativas apresentadas sob a forma de percentuais, na qual a análise foi realizada a partir do embasamento teórico sobre a temática.

Para a realização do estudo, tornou-se necessário a reflexão sobre o respeito pela dignidade humana, pois mesmo que a pesquisa tenha envolvido de uma maneira indireta os seres humanos, este foi o foco maior do estudo. Quanto à preservação do anonimato, foi garantida a confidencialidade dos fatos, como princípio básico, foram levados em consideração os critérios éticos preconizados pela Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional da Saúde⁹, no que se refere aos estudos envolvendo seres humanos, nos quais foram garantidos o anonimato, respeito e confidencialidade das informações. Por não se tratar de uma pesquisa direta, sendo documental, não foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Portanto, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, sob CAAE nº 32529214.8.0000.5180.

RESULTADOS

No período de 2010 a 2013, foi obtido um total de 157 fichas. Dentre este total, o ano de 2010 apresentou o menor número de atendimentos, com 24 (15,29%), já em 2011 se

obteve o maior quantitativo de mulheres atendidas, com 71 (45,22%), o que representou um aumento de 29,93% em relação ao ano anterior, logo, os anos de 2012 e 2013 obtiveram, respectivamente, 29 (18,47%) e 33 (21,02%) atendimentos. Assim, foi possível estabelecer o perfil da violência, devido ao conhecimento dos aspectos envolvidos no abuso praticado contra as mulheres.

Os resultados do estudo serão apresentados em tabelas de acordo com a divisão previamente realizada no formulário utilizado para coleta dos dados, constando na tabela 1 as características sociodemográficas das mulheres vitimadas.

Tabela 1. Distribuição das características sociodemográficas de mulheres vítimas de violência - Cajazeiras, 2014.

Dados sociodemográficos	n	%
Idade		
Maior ou igual a 18	10	6,37
19 a 29	36	22,94
30 a 39	42	26,75
40 a 49	22	14,01
50 a 59	18	11,46
Maior ou igual a 60	13	8,28
Não informada	16	10,19
Escolaridade		
Não alfabetizada	25	15,92
Fundamental incompleto	54	34,40
Fundamental completo	6	3,82
Médio incompleto	18	11,46
Médio completo	33	21,01
Superior incompleto	2	1,27
Superior completo	3	1,91
Não informada	16	10,20
Raça		
Branca	66	42,04
Negra	30	19,10
Amarela	1	0,64
Parda	53	33,76
Indígena	1	0,64
Não informada	6	3,82
Situação conjugal		
Solteira	40	25,48
Casada	75	47,77
Viúva	8	5,10
Separada	25	15,92
Não informada	9	5,73
Profissão		
Doméstica	35	22,30
Agricultora	19	12,10
Do lar	17	10,83
Estudante	5	3,18
Auxiliar de serviços	3	1,91
Outra	39	24,84
Não informada	39	24,84
Filhos		
Sim	125	79,62
Não	20	12,74
Não informado	12	7,64

A idade variou entre 14 a 86 anos, evidenciando-se a prevalência da violência entre as mulheres de 30 a 39 anos (26,75%). Outro dado relevante, visualizado no estudo, refere-se ao número de violência contra as mulheres idosas (8,28%), pois ao ser comparada ao primeiro grupo etário que corresponde a idade menor ou igual a 18 anos (6,37%), percebeu-se que a violência foi mais relevante. No tocante a escolaridade, o estudo demonstra que a de maior incidência foi em relação as mulheres com ensino fundamental incompleto (34,40%). Foram também registrados no CRAM casos de vítimas

com ensino superior incompleto (1,27%) e com ensino superior completo (1,91%). Quanto à raça, verificou-se predominância das mulheres brancas (42,04%) e, no que se refere à situação conjugal, 47,77% são casadas. Em relação à profissão, outras ocupações corresponderam a 24,84% dos casos, contudo, a ocupação que mais se destacou foi a doméstica (22,30%). Os dados levantados também mostraram que 79,62% possuíam filhos. No segundo segmento, foram abordados os tipos de agressores de acordo com a situação conjugal.

Tabela 2. Distribuição das mulheres que sofreram violência segundo a situação conjugal e o tipo de agressor - Cajazeiras, 2014.

Situação conjugal	Tipos de agressores									
	Companheiro		Ex-companheiro		Parente		Conhecido		Outro	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Solteira	10	6,37	6	3,82	16	10,19	6	3,82	6	3,82
Casada	48	30,57	3	1,91	10	6,37	10	6,37	2	1,27
Viúva	-	-	-	-	5	3,18	-	-	4	2,55
Separada	1	0,64	10	6,37	8	5,10	3	1,91	-	-
Não informada	3	1,91	-	-	1	0,64	2	1,27	3	1,91
Total	62	39,49	19	12,10	40	25,48	21	13,38	15	9,55

Verificou-se que em 39,49% dos casos o principal agressor era o companheiro, predominando as mulheres casadas (30,57%) entre as que mais sofreram violência em relação a esse tipo agressor.

De acordo com a tabela 3, evidenciou-se os tipos de violência sofrida pelas mulheres de acordo com os anos de atendimento no serviço.

Tabela 3. Distribuição dos tipos de violência de acordo com os anos de atendimento - Cajazeiras, 2014.

ANO	2010		2011		2012		2013		TOTAL	
Tipos de Violência	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Física	8	2,17	35	9,49	17	4,60	24	6,50	84	22,76
Sexual	-	-	4	1,08	2	0,54	4	1,08	10	2,71
Psicológica	16	4,34	61	16,53	27	7,32	23	6,23	127	34,42
Moral	7	1,90	42	11,38	20	5,42	8	2,17	77	20,87
Patrimonial	5	1,36	15	4,07	4	1,08	6	1,63	30	8,13
Tortura	2	0,54	12	3,25	11	2,98	6	1,63	31	8,40
Outro	2	0,54	4	1,08	2	0,54	2	0,54	10	2,71

Dentre as violências sofridas, a agressão psicológica predominou em 34,42% dos casos, no qual em 2010 correspondeu a 4,34%, em 2011 (16,53%), demonstrando uma maior prevalência em 2012 (7,32%) e em 2013 (6,23%). Sendo que além da violência psicológica, a física (22,76%) e a moral (20,87%) foram as que mais ocorreram.

DISCUSSÃO

A proporção dos casos encontrados no estudo pode ser atribuída ao fato do funcionamento do serviço ser recente e ainda existir uma barreira quanto ao enfrentamento da situação por parte das mulheres, o que leva a não procurarem o atendimento prestado e, conseqüentemente, acaba por distorcer a realidade, levando à

subnotificação dos casos, entretanto, é possível desenvolver ações para essa situação, mesmo que com uma parcela das ocorrências, pois isto já consiste na revelação de um problema extremamente complexo, por isso, necessita de intervenção imediata, não sendo necessário aguardar por mais casos.¹⁰ De acordo com os dados sociodemográficos das mulheres vítimas de violência atendidas no CRAM, houve a predominância da agressão entre mulheres em idade reprodutiva e economicamente ativa, deixando-as mais propensas a ausência no emprego, desmotivação, desencorajamento para construção familiar, alterações em seu estado de saúde e conseqüente redução da expectativa de vida.¹¹ Já o número de casos da violência praticada contra as mulheres idosas pode ser

atribuído à vulnerabilidade do idoso a esse tipo de situação, pois muitos deles apresentam limitações e necessitam de um cuidado diferenciado, estando, assim, mais vulneráveis à agressão. Isso se dá pelo fato de na maioria das culturas as pessoas idosas não receberem o devido respeito que merecem, passando a ocupar uma posição marginalizada, fazendo com que a velhice acabe sendo enfatizada como algo de conotação inferior, dependente, o que favorece atitudes injustas e discriminatórias, causando o surgimento da violência.¹²

As mulheres brancas predominaram na maioria dos casos, sendo certificado por outros estudos como as mulheres que mais denunciam a violência em comparação aos outros grupos étnicos, mas o que não implica que elas sejam as mais vitimadas.¹³⁻¹⁴ Ou seja, a prevalência desse dado pode estar relacionada à não categorização correta da etnia dessas mulheres por parte dos profissionais que realizam o atendimento, já que em outras pesquisas há a prevalência da cor parda entre as vítimas, ou pelo fato de mulheres negras geralmente denunciarem menos a violência quando seu agressor é seu companheiro e negro, o que as fazem pensarem no preconceito existente e na situação do seu parceiro caso a condição fosse denunciada, levando-as a suportarem mais tal situação, evitando muitas vezes a denúncia, com o intuito de protegê-los.^{11, 15-16}

No tocante a escolaridade, estudos apontam que esta variável está inversamente relacionada com a violência, ou seja, quanto menor a escolaridade maior é a susceptibilidade a agressão e o mesmo acontece na situação inversa. Acredita-se que as que estão mais sujeitas ao abuso são aquelas que possuem baixa escolaridade, pois quanto menor o nível de instrução, menor a qualificação profissional. Fato esse que pode chegar a favorecer a relação de submissão entre vítima e agressor, fazendo com que elas permaneçam no ciclo da violência.¹⁷ Os dados vêm ao encontro dos achados da presente pesquisa em que houve uma maior de incidência de mulheres com ensino fundamental incompleto.

As pessoas com baixa renda e baixa escolaridade estão mais sujeitas a se exporem a agravos sociais e de saúde, uma vez que mulheres que se encaixam nesse perfil tornam-se menos favorecidas de bens materiais, bem como de informações acerca de seus direitos, por este motivo, faz com que as empregadas domésticas na pesquisa consistam em um grupo de risco. Logo, a mulher pode conviver com esse tipo de

violência devido sua condição, por falta de abrigo, apoio familiar, medo e insegurança, que geralmente levará a uma dificuldade para romper com essa circunstância, implicando no medo de denunciar e serem punidas pelos seus agressores.^{16, 18}

Contudo, vale ressaltar que mesmo que as mulheres com uma menor escolaridade sejam as principais vítimas de violência, é preciso reforçar que todas estão sujeitas a essa condição, já que a situação não faz nenhum precedente, pois, apesar das mulheres com um nível de escolaridade mais alto apresentarem maior esclarecimento sobre seus direitos e possuírem mais alternativas de fugirem da violência, elas ainda representam uma parcela das vítimas e não estão livres dessa condição.¹⁹ Desta forma, em consonância com essa realidade, o estudo expõe casos de mulheres vitimadas com ensino superior, o que sugere estratégias de motivação para enfrentamento da situação, com o estabelecimento de condutas positivas diante da vida, maior autonomia e autoestima.

Assim, mulheres de classes mais favorecidas também fazem parte desse cenário, a diferença é que esses casos geralmente são relatados em consultórios, escritórios particulares de vários profissionais, como médicos, psicólogos, advogados, o que leva a sub-representação das denúncias, deixando de tal modo a pobreza como a principal condição associada a violência.²⁰

As mulheres casadas no estudo representam as principais vítimas da violência, sendo apontadas em pesquisas devido essa característica estar relacionada geralmente a questões familiares, sociais, financeiras, que fazem com que essas permaneçam na relação e continuem sofrendo o abuso.²¹⁻²² Dessa forma, são as que mais sofrem por existir todo um contexto que as fazem levar a situação adiante, o que acarreta em várias consequências para sua vida, como isolamento social e depressão, pois geralmente acham que precisam se acostumar com a condição, já que na maioria das vezes o desejo de se libertar não depende só delas, sempre tem algo que estar relacionado a suportar tal agressão.

Os principais agressores eram os companheiros, sendo que eles comumente apresentam sentimento de arrependimento após provocada a agressão, mas, logo novas situações de violência acontecem, levando a um ciclo vicioso, no qual muitas vezes se torna difícil o seu interrompimento.²³

Os dados indicam também o predomínio do companheiro como agressor na situação

conjugal em que as mulheres são casadas. Portanto, essa característica encontrada contribui para o surgimento de riscos tanto físicos como psicológicos, já que essas mulheres estão expostas a violência de uma maneira geral dentro de seus lares, sendo ainda mais difícil o enfrentamento já que o agressor é uma pessoa do seu convívio, com o qual tem envolvimento emocional.²⁴ Logo, é muito comum a maioria das pessoas julgarem essas mulheres pelo fato de não denunciarem seus agressores, porém geralmente quem julga não passa por esse problema, ou seja, não sabe o que realmente acontece e que essas vítimas que vivenciam essa situação, muitas vezes são pessoas sofridas, trabalhadoras, que precisam de sua casa, pois não tem outro lugar para ir, por isso, preferem calar-se, até mesmo para não sofrerem ainda mais abuso ou perderem seu teto e sua comida.²⁵

Os resultados mostraram maior evidência de mulheres com filhos, configurando um dos motivos que levam as vítimas a suportarem a violência por um período maior de tempo, já que nesses casos a mulher espera manter sua família, pois geralmente acham que não irão conseguir educá-los sozinhas, além de que elas necessitam de seus companheiros para dividir as responsabilidades e despesas. Por isso, nesses casos, o enfrentamento desse problema demanda tanto atenção às vítimas, como também aos filhos,¹ uma vez que a violência implica em dados bidimensionais, de ordem físicas e psicológicas a todos que convivem com a agredida de forma direta.

Portanto, todo esse contexto, corresponde a uma condição ainda mais complicada, pois agora os envolvidos não são apenas a vítima e o agressor mas também pessoas que não merecem ou não precisam passar por tais situações. Assim, pode-se justificar porque muitos filhos às vezes são os agressores relatados pelas mulheres vítimas de violência. Por isso, se torna necessário a reestruturação familiar, fazendo com que a relação entre homens e mulheres, pais e filhos se tornem mais simétricas no ambiente doméstico, levando, deste modo, a possibilidade de mudança dos comportamentos sociais e individuais dessa família.¹¹ Sendo assim, o fruto do relacionamento é o mais prejudicado diante de tal ocorrência, pois o que eles vivenciam juntamente com sua mãe irá trazer consequências para o resto da vida, alguns podem até superar, mas nunca esquecer.

A violência psicológica foi a mais prevalente no estudo, o que traduz uma atenção maior que se deve ter em relação a essas mulheres, já que quando ocorre à

violência física, a lesão causada pelo agressor cicatriza, mas o mal que a violência psicológica causará ultrapassa todas as dores físicas que elas venham a sentir, pois é algo que fere a sua alma. Logo, esse tipo de violência caracteriza-se por apresentar-se através de várias formas, como a rejeição, indiferença, o que muitas vezes deixa marcas e irá estar com a pessoa pelo resto da vida, podendo tornar-se irreversíveis em indivíduos antes considerados saudáveis e, geralmente, ela vem acompanhada de agressões físicas.¹⁸

Esse tipo de violência é mais praticada na residência da vítima, razão pela qual é silenciosa, pois sua reverberação acontece entre as paredes das casas e se faz presente em todos os outros tipos de violência, interferindo, assim, na integridade física, psicológica e moral das mulheres.²⁶ Logo, a presença de um clima de medo e de ameaças recorrentes na sua vida e de seus filhos evidencia a impotência, a culpa e submissão sentidas por essas mulheres.²⁴ Deste modo, evidenciou-se que além da violência psicológica, a física e a moral foram as que mais ocorreram, destacando-se o fato destas geralmente estarem interligadas quando acontecem.

CONCLUSÃO

Este estudo delimitou o perfil da violência contra a mulher em um Centro de Referência do município de Cajazeiras/PB no período de 2010 a 2013. Logo, os resultados da pesquisa podem servir como direcionamento para as políticas públicas no município a fim de melhorar a realidade encontrada. Portanto, é preciso que se conheça a dinâmica da violência e os aspectos que estão envolvidos.

Com o desenvolvimento da pesquisa, foi perceptível que esse tema apesar de ser algo bastante recorrente, ainda assim poucas pessoas se interessam pelo assunto, achando que isso só deve remeter as pessoas envolvidas, deixando que cada vez mais esse seja o cenário na vida de muitas pessoas, e famílias. Logo, o reconhecimento, acolhimento, a prevenção e intervenção diante dessa violência se tornam de extrema importância seja qual for o serviço a que essa mulher procurar.

Para que aos poucos se consiga mudar o que hoje é um problema, é preciso que mais estudos sejam realizados e se possa conscientizar a todos sobre os efeitos de tal situação, na perspectiva de ampliar conhecimentos, principalmente dos profissionais envolvidos no atendimento as

mulheres vitimadas, para que se tornem capacitados a reconhecerem tal agravo.

Quanto às limitações deste estudo, aponta-se as fichas de atendimento, por sua restrição aos dados sociodemográficos que restringem a compreensão do perfil do agressor e fatores impulsionadores para o acometimento desta violência, o que sugere uma melhor organização dos profissionais envolvidos nesse processo de cuidar a fim de coletar dados específicos das usuárias e seus agressores, permitindo uma melhor investigação e ação sobre esta realidade.

REFERÊNCIAS

1. Rangel CMFRBA, Oliveira EL. Violência contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores. In: Anais do 9. Fazendo gênero: diásporas, diversidades, deslocamento; 2010; Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2010. p. 1-11.
2. Marques SP, Pacheco FCP. Refletindo sobre a violência doméstica contra a mulher. Investigação [Internet]. 2009 [cited 2014 July 06];9(1):55-62. Available from: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/investigacao/article/view/38/10>.
3. Brasil. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. Brasília; 2011 [cited 2014 May 23]. Available from: <http://spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2011/politica-nacional>.
4. Lucena KDT, Silva ATMC, Moraes RM, Silva CC, Bezerra IMP. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2012 [cited 2014 May 21];28(6):1111-21. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n6/10.pdf>.
5. Grossi PK, Tavares FA, Oliveira SB. A rede de proteção à mulher em situação de violência doméstica: avanços e desafios. Athenea Digital [Internet]. 2008 [cited 2014 May 19];(14):267-89. Available from: <http://ddd.uab.cat/pub/athdig/15788946n14/15788946n14p267.pdf>.
6. Brasil. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União. 8 ago 2006.
7. Leite MSS. Lei Maria da Penha: o desafio de sua execução frente às falhas do Estado. In: Anais da 6. Jornada Internacional de Políticas Públicas; 2013; São Luís, BR. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2013.
8. Ricci SS. Enfermagem Materno-Neonatal e Saúde da Mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.
9. Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2012
10. Kind L, Orsini MLP, Nepomuceno V, Gonçalves L, Souza GA, Ferreira MFF. Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. Cad Saúde Pública [Internet]. 2013 [cited 2014 Aug 15]; 29(9): 1805-1815. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n9/a20v29n9.pdf>.
11. Moura MAV,Albuquerque Netto L, Souza MHN. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. Esc Anna Nery [Internet]. 2012 [cited 2014 May 19]; 16(3):435-42. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n3/02.pdf>.
12. Souza AS, Meira EC, Menezes MR. Violência contra pessoas idosas promovida em instituição de saúde. Mediações [Internet]. 2012 [cited 2014 Aug 16];17(2):57-72. Available from: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14021/11832>.
13. Leôncio KL, Baldo PL, João Malundo V, Biffi RG. O perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. Rev Enferm UERJ [Internet]. 2008 [cited 2014 July 05];16(3):307-12. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v16n3/v16n3a02.pdf>.
14. Menezes JP, Moura MAV, Albuquerque Netto L, Silva GF. Perfil sóciodemográfico de mulheres que sofreram com a violência de gênero no Rio de Janeiro: subsídios para a enfermagem. Cuid Fundam [Internet]. 2010 [cited 2014 June 14];2:418-22. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/963/pdf_165.
15. SILVA MFP, Chein MBC, Silva DSM, Brito LMO. Formas de violência contra mulheres de uma cidade do nordeste do Brasil. Rev Pesq Saúde [Internet]. 2011 [cited 2014 July 06];12(1):32-5. Available from: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/922/611>.
16. Albuquerque JBC, Ribeiro César ES, Silva VCL, Espínola LL, Azevedo EB, Ferreira Filha MO. Violência doméstica: caracterização sociodemográfica de mulheres cadastradas em uma Unidade de Saúde da Família. REE [Internet]. 2013 [cited 2014 July 06];15(2):382-90, Available from:

<http://www.fen.ufg.br/revista/v15/n2/pdf/v15n2a10.pdf>.

17. Raimondo ML, Labronici LM, Larocca LM. Retrospecto de ocorrências de violência contra a mulher registradas em uma delegacia especial. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 June 16];18(1):43-9. Available from:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/26539/20012>.

18. Labronici LM, Ferraz MIR, Trigueiro TH, Fegadoli D. Perfil da violência contra mulheres atendidas na Pousada Maria. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2010 [cited 2014 Apr 15];44(1):126-33. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a18v44n1.pdf>.

19. Acosta DF, Gomes VLO, Barlem ELD. Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 Apr 16];26(6):547-53. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/apv/v26n6/07.pdf>.

20. Costa LMG, Dell Aglio DD. Mulheres em situação de violência doméstica: vitimização e coping. *Rev Interinst Psicol* [Internet]. 2010 [cited 2014 July 20];2(2):151-9. Available from:

<http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/viewFile/96/56>.

21. Ósis MJD, Duarte GA, Faúndes A. Violência entre usuárias de unidades de saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. *Rev Saúde Públ* [Internet]. 2012 [cited 2014 Aug 15];46(2):351-58. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v46n2/3137.pdf>.

22. Gomes NP, Carvalho MRS, Couto TM, Diniz NMF. Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde. *Revista Baiana de Enfermagem* [Internet]. 2013 [cited 2014 May 21];27(2):146-53. Available from:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6928/7158>.

23. Ribeiro CG, Coutinho MPL. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa - PB. *Rev Psicol e Saúde* [Internet]. 2011 [cited 2014 June 26];3(1):52-9. Available from:

<http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/view/81/142>.

24. Griebler CN, Borges JL. Violência contra a mulher: perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da lei Maria da Penha. *Psico* [Internet]. 2013 [cited 2014 June 26];44(2):215-25. Available from:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/11463/9640>

25. Ribeiro PR, Marques D, Magalhães L, Nunes R, Maia S, Martins W. Violência contra a mulher. In: *Anais do 19. Prêmio Expocom 2012 - Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação*; 2012; São Paulo, BR. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; 2012.

26. Melo ZM, Silva DM, Caldas MT. Violência intrafamiliar: crimes contra a mulher na área metropolitana do Recife. *Psicol Estud* [Internet]. 2009 [cited 2014 Aug 16];14(1):111-9. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a14v14n1.pdf>.

Submissão: 29/05/2014

Aceito: 26/05/2015

Publicado: 15/07/2015

Correspondência

Jessika Lopes Figueiredo Pereira
Rua Ademar Rufino da Silva
Bairro São José
CEP 58804-270 – Sousa (PB), Brasil